



Saúde Integral da População Negra

0000

Inov
negro
DA UFC



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas



Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

Marilene Feitosa Soares

Pró-Reitor Adjunto

Marlon Bruno Matos Paiva

Produção

Programa Saúde e Bem-Estar no Trabalho

Projeto Mais Saúde no Trabalho

Coordenadoria de Qualidade de Vida no Trabalho

Divisão de Apoio Psicossocial

Assistente Social

Richelly Barbosa de Medeiros

Enfermeira

Dalila Augusto Peres

Coordenadoria de Relacionamento e Experiência do Servidor

Divisão de Experiência do Servidor

Revisão

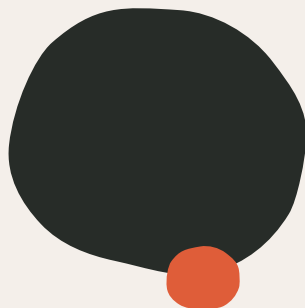
Murilo Viana

Design

Renan Rosendo

Sumário

- 5 Questão racial e saúde no Brasil
- 6 Problemas de saúde mais frequentes na população negra
- 9 Estratégias de cuidado equitativo
- 10 Dicas de filmes
- 12 Dicas de livros e podcasts
- 15 Conclusão
- 16 Referências Bibliográficas



Vocês sabiam que há doenças que afetam com mais frequência homens e mulheres negros(as)? Algumas delas, inclusive, devido ao racismo, preconceito, estigma e discriminação, presentes na nossa sociedade, que influenciam o bem-estar no trabalho.

Desde 2009, o Ministério da Saúde brasileiro instituiu, no âmbito da saúde pública, a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN). Entre os seus objetivos está ampliar o conhecimento sobre saúde da população negra, qualificar profissionais da saúde e gestores, ampliar a intersetorialidade e combater iniquidades étnico-raciais em saúde.

Nesta cartilha, iremos contextualizar a questão racial e a saúde no Brasil, além de abordar os problemas de saúde mais frequentes dessa população, elencar estratégias de cuidado equitativo e fornecer dicas culturais relacionadas à temática.

Questão racial e saúde no Brasil

A política nacional de saúde integral das pessoas negras reconhece que a história escravista nacional consolidou injustos processos sociais, culturais e econômicos no nosso país. Essa história impõe condições precárias a essa população em vários aspectos da vida, inclusive em relação à saúde.

O racismo atua como um determinante social e estrutural sobre os indicadores de saúde da população negra. O racismo institucional, dentro dos serviços de saúde, aliado ao estigma e ao preconceito, pode levar à desumanização do cuidado, à minimização de queixas e ao acesso desigual a procedimentos e tratamentos.

Mesmo após a abolição oficial da escravatura, em 1888, essas desigualdades persistiram, em meio a um rio caudaloso de racismo nas relações sociais brasileiras. Portanto, a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra reconhece o racismo e as desigualdades étnico-raciais como determinantes em se tratando da saúde desse grupo populacional. Combatê-los é, portanto, uma missão fundamental.

No Brasil, segundo dados do IBGE de 2022, as pessoas negras (pretos e pardos) são maioria, cerca de 112,7 milhões de pessoas, o que representa aproximadamente 56,1% dos brasileiros. No Ceará, esse percentual é ainda maior, cerca de 72,3% da população se autodeclara negra. Mesmo sendo a maioria, os índices de saúde são desfavoráveis para esse grupo populacional.



A população negra no nosso país é a maior vítima de óbitos precoces, alta taxa de mortalidade materna e infantil, prevalência de doenças crônicas e infecciosas, além de serem impactadas por altos índices de violência urbana, como destaca o Ministério da Saúde (2023).

Além disso, o racismo institucional impõe a grupos racialmente discriminados dificuldades no acesso a benefícios gerados pelas ações de instituições de saúde. Ou seja, essa população enfrenta barreiras sistemáticas que dificultam o acesso a serviços de qualidade, diagnósticos adequados e tratamentos eficazes.

Soma-se a isso a barreira geográfica que há no Nordeste em detrimento de outras regiões, com o acesso limitado a especialistas ou exames de alta complexidade em áreas rurais, quilombolas e periferias urbanas.

Problemas de saúde mais frequentes na população negra

Hipertensão

⇒ Pressão elevada do sangue nas artérias

Segundo dados do Ministério da Saúde de 2022, a hipertensão arterial é mais prevalente e atinge com mais frequência homens e mulheres negras. Gestantes negras são as principais vítimas de morte por hipertensão.

A recomendação é o controle do uso de sal na alimentação, evitando alimentos ultraprocessados; medir a pressão arterial com frequência (de acordo com a idade), praticar atividade física com regularidade e evitar a obesidade, o abuso de álcool e o cigarro.

A vulnerabilidade socioeconômica, mais frequente na população negra, além das barreiras de acesso a serviços de saúde, influenciam os fatores citados acima para o controle da hipertensão arterial.

Diabetes

⇒ Aumento de açúcar no sangue

A diabetes atinge com mais frequência nesse grupo de pessoas no Brasil, conforme o Ministério da Saúde (2018). Essa prevalência está fortemente associada a problemas de acesso a serviços básicos de saúde.

Indica-se, como forma de prevenção, o consumo moderado de açúcar e de carboidratos como arroz branco, farinha de trigo e batata inglesa; realização de exercícios físicos; e o controle do açúcar no sangue e do peso corporal.

Para pessoas negras, há maiores taxas de complicações por diabetes e do diagnóstico tardio, além de menor adesão a tratamentos e ao autocuidado pelo impacto de fatores socioeconômicos, como alimentação, exercícios físicos e acesso a serviço especializado.

Anemia falciforme

⇒ Doença genética que altera as células vermelhas do sangue

Conforme dados do Ministério da Saúde (2023), a anemia falciforme atinge mais frequentemente a população negra. Em 2021, 8% das pessoas negras no Brasil foram diagnosticadas com esta doença.

Em 2023, 74,7% das internações por anemia falciforme foram desse grupo de população. O seu diagnóstico pode ser feito nos recém-nascidos por meio do teste do pezinho. Quem possui a doença deve manter acompanhamento médico regular.

Agravos mentais relacionados ao trabalho

As condições desfavoráveis de trabalho e a exposição contínua ao racismo podem gerar estresse crônico e dano psíquico, relacionado a assédio moral e discriminação a partir de tratamento injusto e hostilidade interpessoal no ambiente de trabalho, inclusive em cargos públicos.

Quadros de depressão, ansiedade, crises de choro constante, perda do ânimo para trabalhar e, em casos extremos, pensamentos suicidas podem acontecer neste contexto.

É imprescindível oferecer suporte psicossocial nos ambientes de trabalho que reconheça o racismo como determinante de adoecimento e fonte de agravo no trabalho, bem como ações de saúde com recorte racial, identificando e intervindo sobre ambientes de trabalho para minimizar a discriminação e o assédio

Câncer de próstata



⇒ Crescimento celular desordenado da glândula prostática

Embora as causas exatas ainda não sejam totalmente compreendidas, o Ministério da Saúde alerta que homens negros têm um risco significativamente maior de desenvolver câncer de próstata, sendo até duas vezes mais propensos a serem diagnosticados com a doença em comparação a homens brancos.

Além disso, a mortalidade por câncer de próstata entre homens negros é também maior, refletindo desigualdades no acesso ao diagnóstico precoce e ao tratamento adequado.

Por isso, recomenda-se que homens negros, ou com histórico familiar de câncer de próstata, iniciem os exames preventivos a partir dos 45 anos. Assim, a doença pode ser descoberta mais cedo, aumentando as chances de um tratamento eficaz.

Glaucoma

⇒ Doença dos nervos dos olhos para o cérebro, levando à perda da visão

Segundo o Ministério da Saúde, essa condição é 4 a 8 vezes mais frequente entre homens e mulheres negros(as). Um dos fatores que contribuem para esse índice é a menor concentração de vitamina D nesse grupo populacional.

A doença, em sua fase inicial, é silenciosa, por isso muitas pessoas só desconfiam quando ocorre perda de visão periférica. Portanto, é fundamental realizar consultas oftalmológicas regulares, e a partir dos 40 anos deve-se fazer o exame de fundo de olho e medir a pressão ocular, conforme orientação do Ministério da Saúde.

Violência obstétrica

⇒ Contra mulheres durante a gestação, parto e pós-parto

De acordo com dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do total de 1.256 mortes maternas em 2022, 67,1% eram de mulheres negras (pretas e pardas) e 29,3% de mulheres brancas (Relatório Técnico Agenda Mais SUS, 2023).

Isso acontece principalmente por causa da dificuldade de acesso a atendimentos de qualidade, demora no diagnóstico e também por fatores sociais e econômicos que afetam a saúde delas.

Além disso, elas são mais vulneráveis a práticas abusivas durante o parto, como desrespeito, falta de consentimento, procedimentos realizados sem explicação ou autorização, negligência e até agressões físicas ou verbais, conforme levantou a Pesquisa Nascer no Brasil II, realizada pelo Ministério da Saúde (2023).

No Ceará, 96,3% dos óbitos maternos incidem em gestantes negras (pretas e pardas), o que está intrinsecamente ligado a um pré-natal inadequado e à violência obstétrica como questão racial (SESA/CE, 2021).

O enfrentamento dessas desigualdades envolve múltiplas ações coordenadas entre governos, instituições de saúde e sociedade civil. É importante denunciar toda situação de violência contra a mulher, inclusive a obstétrica, por meio do Disque 180.

Suicídio

O risco de suicídio entre pessoas negras tem aumentado nos últimos anos. No Brasil, o índice de suicídio entre jovens negros é 45% maior em comparação a outros grupos em 2016. (Relatório Técnico Agenda Mais SUS, 2023).

Essa população também enfrenta uma prevalência elevada de transtornos mentais, como ansiedade e depressão. Fatores como preconceito, discriminação racial e racismo institucional contribuem para esses resultados (Ministério da Saúde, 2018).

É fundamental, para quem está passando por adoecimento psíquico, buscar o apoio social e acessar serviços de saúde mental. Além disso, dialogar abertamente sobre saúde mental ajuda a reduzir o estigma e facilita a aceitação por ajuda.

Estratégias de cuidado equitativo¹

O combate às iniquidades e a melhoria do acesso dependem da implementação de ações afirmativas e de cuidado equitativo. A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) é o principal instrumento para isso.

Destacam-se algumas estratégias:

● Acolhimento sensível e qualificado através da escuta ativa, a partir do reconhecimento da dor e da queixa da pessoa negra como legítima, sem questionar ou minimizar o sofrimento, pelos profissionais de saúde.

● Projetos de saúde que levam serviços às comunidades quilombolas ou periferias urbanas, com equipes de atenção básica móveis ou descentralizadas.

● Preenchimento adequado do quesito raça/cor nas fichas de atendimento e nos formulários dos sistemas de informação para visibilizar as iniquidades raciais para subsidiar políticas públicas de saúde.

● Educação em saúde e empoderamento comunitário: campanhas de prevenção específicas, comunicação que respeite linguagem, cultura e valores da população negra. Informação sobre direitos, autocuidado, sinais de alerta de doenças.

● Combate ao racismo institucional com treinamentos de educação permanente para toda a equipe de saúde sobre racismo, saúde desse grupo populacional e PNSIPN, minimizando preconceitos e estereótipos no atendimento, com ênfase em competências

A garantia do direito à saúde da população negra exige reconhecer suas especificidades, combater o racismo estrutural e construir políticas de cuidado baseadas na equidade e na justiça social.

¹ Dar a cada pessoa o que ela precisa para ter as mesmas oportunidades e um tratamento justo.

Dicas de filmes



Corpo Preto (2025)

Curta-metragem produzido por Nany Oliveira, retrata a realidade de pacientes negros no sistema de saúde brasileiro, mostrando negligência, diagnósticos tardios, desigualdades no atendimento médico.

[Assista ao filme ↗](#)



A Coisa Tá Preta (2021)

Documentário idealizado e produzido pelo filósofo e cineasta Gabriel Filipe mostra como o racismo – velado e explícito – se manifesta nas mais diversas relações sociais e transforma situações cotidianas em desafios a serem superados por pessoas negras.

[Assista ao filme ↗](#)



M8 – Quando a Morte Socorre a Vida (2019)

Conta a história de um estudante de medicina que começa a questionar a origem dos corpos nas aulas de anatomia, tema que remete a práticas históricas e presentes de exploração e desigualdade no acesso ao corpo e ao ensino.

Assista ao filme ↗



Temporada (2018)

Dirigido por André Novais Oliveira, mostra uma trabalhadora do SUS na periferia, aspectos da saúde pública, da vida de quem atua no serviço de saúde, e também vivências pessoais e sociais de quem é mulher negra nesse contexto.

Dicas de livros e podcasts



O avesso da pele

⇒ De Jeferson Tenório, publicado, em 2020, pela Companhia das letras. Vencedor do prêmio Jabuti, em 2021.

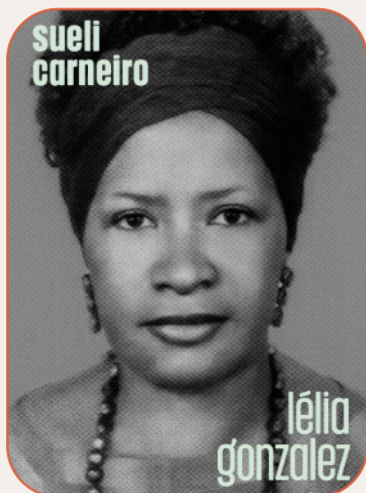
A história fala sobre violência policial, dificuldades de ser reconhecido na sociedade e sobre como é comum que pessoas negras sejam tratadas como suspeitas ou invisibilizadas. O autor mostra como tudo isso pode prejudicar a saúde mental, abalar a relação com a família e até afetar o direito de simplesmente existir com dignidade no Brasil.



Um defeito de cor

⇒ Da escritora Ana Maria Gonçalves, edição especial de 2022.

Livro que inspirou o samba enredo da Portela, no carnaval de 2024. O romance histórico narra a trajetória de uma mulher negra escravizada chamada Kehinde, desde sua captura na África até sua luta pela liberdade no Brasil colonial. A obra é um marco da literatura afro-brasileira e traz uma narrativa rica em detalhes sobre o racismo, a escravidão, a resistência e a cultura afro-brasileira.



Lélia Gonzalez: Um retrato

⇒ De Sueli Carneiro (2024).

Um belo e comovente retrato de uma das ativistas mais brilhantes do século XX, que inspirou gerações de mulheres negras a trilhar o caminho da liberdade e da militância. Inclui uma carta inédita de Lélia Gonzalez escrita aos 18 anos e um epílogo sobre a atualidade de seu pensamento.



Saúde da população negra

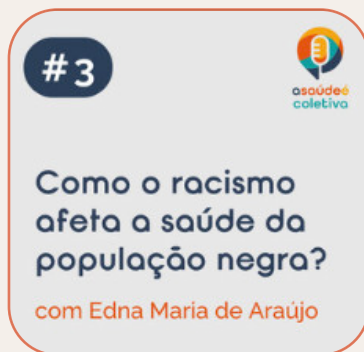
⇒ Infectocast (2024).

Ouça o podcast ↗



Saúde mental da população negra

⇒ O Assunto (2024)



Como o racismo afeta a saúde da população negra

⇒ A saúde é coletiva (2024)

Ouçã o podcast ↗

Ouçã o podcast ↗

Conclusão

A promoção da saúde da população negra requer coleta de dados de qualidade, o monitoramento contínuo e a participação da população negra, para que as políticas sejam adequadas, sustentáveis e justas.

Neste contexto, é fundamental que os servidores públicos reconheçam a relevância do recorte étnico-racial, não como “item adicional”, mas como central para a justiça social e para eficácia das ações de saúde.

Assim, é uma responsabilidade compartilhada para a promoção de mudanças estruturais: no poder público, no sistema de saúde, na conscientização geral, sendo um pilar essencial para a concretização do princípio da equidade na saúde.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 60 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros: 2012 a 2016. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde; Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico Saúde da População Negra: Volume 1 – Perfil Epidemiológico da População Negra no País. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2023/boletim-epidemiologico-saude-da-populacao-negra-numero-especial-vol-1-out.2023> . Acesso em: 06 out. 2025.

Brasil. Ministério da Saúde; Secretaria de Vigilância em Saúde; Secretaria da Saúde sem Racismo. Painel Saúde da População Negra: Epidemiologia e Desigualdades — Doenças e Agravos por Raça/Cor. Ministério da Saúde, 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Painel Saúde da População Negra: Epidemiologia e Desigualdades — Doenças e Agravos por Raça/Cor. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2025/marco/saude-lanca-painel-de-doencas-e-agravos-na-populacao-por-raca-e-cor>. Acesso em: 06 out. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: população preta ou parda é maioria no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/censo-demografico-2022/negros.html> . Acesso em: 06 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Anemia falciforme: dados epidemiológicos e ações de saúde para a população negra. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-da-populacao-negra/anemia-falciforme> .Acesso em: 06 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Pesquisa Nascer no Brasil II: Inquérito Nacional sobre Parto e Nascimento. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/nascer_no_brasil_inquerito_nacional.pdf Acesso em: 06 out. 2025.

SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DO CEARÁ. Nota técnica: população negra. Fortaleza: Sesa-CE, 2021. Disponível em: <https://www.saude.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/9/2021/12/Nota-Tecnica-Pop-Negra.pptx.pdf>. Acesso em: 17 de outubro de 2025.

IEPS; UMANE; INSTITUTO VEREDAS. Saúde da população negra: relatório técnico nº 2 / Maio 2023. Rio de Janeiro: IEPS, 2023. Disponível em: <https://agendamaissus.org.br/wp-content/uploads/2023/06/ieps-boletim02-saude-populacao-negra.pdf>. Acesso em: 17 de outubro de 2025.



Progep
criando
futuros.

PRÓ-REITORIA DE
GESTÃO DE PESSOAS



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

2025